

CREPUSCULO

9 DE JUNHO.

Instrucção popular III

A' imprensa compete fazer a felicidade popular.

Que poder maior póde mandar nas consciencias do que essa maravilhosa alavanca que rege todas as vontades?

Nos paizes livres como o nosso, a escola não é uma necessidade, senão porque a imprensa a torna tal, fazendo saltar aos olhos de todos a sua utilidade e convencional dupla, particular e geral.

Que importam tantos ramos de industrias, tantas artes, tanto fervor derramado pelo mundo, se ao lado de tudo isso não existir a escola que é o progresso futuro e o ensinamento adequado, proprio de cada ordem de individuos segundo as suas posições, cathogorias, profissões e estados?

A escola é pois a chave de um melhor progresso, porque é a luz que aclara não só os talentos, porém também as aptidões individuaes, sem cujo desenvolvimento e conhecimento nenhum bom andamento póde ter uma sociedade.

Proclamamos a escola como principio de uma mais nobre civilisação, porque d'ella é que partio a luz que engrandeceu todos os povos.

E como não ha a fugir desta grande verdade, compete a todos os governos distribuir a seus povos aquelle magnifico meio que tanto engrandece e nobilita.

E nós, que abraçamos a carreira da imprensa, embora pequenos, não cessaremos de reclamar, de pedir, de instar muitas vezes para que as necessidades populares sejam attendidas, muito principalmente sobre o que diz respeito a seu gráo de instrucção imprescindivel para conducção de suas faculdades.

NA SOLIDÃO

Quando da noite em meditar profundo
o gélido orvalho me ralar de frio,
e os gemidos tristes da saudade
quebrarem do silencio o véo sombrio,
chora minh'alma solitaria e afflicta
d'auzencia o pranto transformado em rio!

Só... distante de ti, triste e saudosa
na oppressiva solidão em que respiro,
arquejante de angustias e abatida,
rasgam-me o peito as ancias de um suspiro;
e na extensa amplidão que os olhares fito,
cheia de amor te adoro no retiro!...

Só... distante de ti, langue, gemendo,
sinto inundado o coração sensível
em negro fêl que me envenena o seio...
nas longas horas de soffrer terrível,
minh'alma triste, em perennal insomnia
a saudade pranteia inexaurível!

Só... distante de ti, em ti pensando,
ouvindo no silencio o arfar da brisa,
ouço da noite as fugitivas vozes;
e nas sombras que o frio luar deslisa,
ouço-te a falla harmoniosa e triste
qual doce esperança que o penar suavisa.

Só... distante de ti, langue, tristonha,
immersa n'um scismar que não tem fim,
dilacerada em tantas amarguras!
entregue á enorme dôr que impera em mim!
só... n'esta solidão em ti pensando...
percebo os dias definharem assim!...

Só... prostrada de dôr, de ti auzente,
em um delirio que arrebatá a vida,
velando as trevas dolorosas queixas
de um peito preso em languidez sentida,
timida e muda a contemplar tristezas,
em tudo adoro tua imagem qu'rida!...

Desterro.

IBRANTINA A. DE OLIVEIRA

Pudor

— Tá! tá! tá!

— Não entre! não entre!
espere!

D'ahi concluo que fazia bem entrar, sem perder um instante.

Se ella exigia que elle ficasse do lado de fóra, era sem duvida porque não estava no seu *boudoir* perfumado, decentemente vestida para receber visitas de ceremonias.

Quem sabe, se só um véo frio e transparente a envolvia? Talvez não tivesse sobre o corpo nem a camisa! Com certeza, pensava elle, virtuosa como costuma ser, hesita em deixar-se ver em «toilette» simples: as moças que zelam pelo seu bom nome, experimentam, em geral, certo acanhamento em dar um *shake hande* tendo os braços e os hombros nus. Mas ella não fazia essas considerações! Ao contrario, a idéa de que ella a sorprehenderia, vestida de ar, ella tão severa, quasi *carola* e que havia tres mezes, desesperava-o com o coração tão fechado em uma *basquine* completamente abotoada, era bastante para induzi-lo a forçalla mesmo—e elle pegou na maçaneta e entrou com violencia no *boudoir*, *boudoir* e *toilette* ao mesmo tempo, onde perfumes excellentes misturavam-se com os odores que desprendiam-se de frascos destampados; havia em um canto, quasi escuro, um *divan*, que um cortinado de finissimas rendas cobria.

Mas ficou espantado, porque a mulher que o fascina, havia tres mezes, por uma admiravel

virtude, appareceu-lhe assim, quanto possivel, rigorosamente vestida; m uvestido de sahir muito afogado, de mangas compridas, deixava ver apenas a pelle rosada do pulso e do pescoço.

E perguntou elle surprehendido:

—Porque motivo *mada-me*, prohibio-me que entrasse e mandou-me esperar, quando está tão bem vestida!

Ella o olhava com escarneo, tendo uma das mãos no botão da *basquine*.

—Vestida!

Depois rindo-se:

—Ah! eu dizia-lhe que esperasse... para que tivesse tempo de ficar mais a frescol!

CATULLE MENDÈS.

NOTICIARIO

X No dia 23 do passado, completou 12 annos que falleceram o Pai e a Irmã do nosso queridissimo amigo e correspondente na Laguna, Carlos de Faria.

Poeta, não queremos trazer-te as tristezas da sorte, lembrando-te que hontem tinhas um Pai que te amava, que era o sustentaculo de tua vida e uma Irmã para quem levavas horas e horas a sorrir, que era a primaverazinha doirada que illumina-te o Ideal.

Portanto, anima-te e segue rasgando o manto da descrença, sim, segue que serás tão feliz, como um pobre sem pão quando o encontra.

Não deves recuar ante o combate diario da vida, porque o teu talento tornar-te-ha notavel nos «Alvoradas», nos «Me-teóros» e nas «Flores Iriadas» e a tua individualidade trazer-te-ha novos mundos de luz e venturas.

—
Abaixo damos com satisfação publicidade ao fulgurantissimo artigo, offerecido ao poe-

ta, do illustrado engenheiro Fiscal da Estrada de Ferro «D. Thereza Christina», Dr. João Caldeira d'Alvarenga Mèsseder, em relação a este anniversario:

A' CARLOS DE FARIA

Ainda hontem, poeta, risos, flôres e musica em tua inspirada lyra; patriota, lindas estrophes sahiam-te dos labios, iam envolvidas aos hymnos da natureza aos pés do Senhor; ainda hontem arrancavas, ás mãos cheias, as mais odoríferas flôres de teu cérebro, as gemmas esplendidas de teu talento e espargias liberrimamente sobre as frentes dos que entravam, vindos das trevas para os deslumbrantes paços de luz do templo da Liberdade!

...E hoje ???!

Porque a natureza tão alegre, hontem, para tua poetica alma, envolve-se hoje no sudario tristonho da morte?

Porque os accordes sublimes dos plumeos cantores, em honra ao Senhor, não fazem acordar mais as cordas de tua lyra? Porque esse crêpe que envolve-te a frente? porque lanças o olhar saudoso aos infindos páramos do Senhor e interrogas o silencio dos tumulos ???!

Doze annos correram n'ampulbeta do tempo! arvore gigantesca protegia um sacrosanctolar, ninho de amor, felicidades e alegrias; arvore robusta, tendo a fortaleza da consciencia, honestidade e amor ria-se aos vendavaes da sorte, resguardando os pequenos seres que viviam á sua sombra; junto a si, linda e meiga flôrzinha vivia de sua seiva, e era o encanto do lar, o anjo d'aquelle tabernaculo de amor! A companheira, a mãe d'aquelle sanctuario de familia, a estremecida esposa, vivia da

mesma seiva, que enchia o tronco da familia, junto a seu seio tambem abrigava, mãe, terno filho, fructo bemdicto d'aquelle amor tão santo.

A vida corria placida, feliz, dias de ventura e de amor desluzavam-se rapidos como o sorrir de uma aurora, o desabrochar d'uma flôr!

Mas o Simoun da desgraça roçou ali suas azas: á voz do commando, ella, a megéra com a fouce inconsciente derruba de um golpe a robusta arvore e a meiga flôrzinha que com ella vivia !!!...

Immenso vacuo faz-se n'aquelle ninho de gósos sem fim... vacuo impreenchivel !!!!

Hoje sobre as duas campas, tão cedo abertas, as lagrimas santas da melhor das mães e esposas, misturam-se ás do mais estremecido dos filhos e irmãos, e a lyra geme com a alma do poeta aos pés do Senhor!

Laguna, 23 Maio 1888.

MÈSSEDER.

O augmento de nossa folha

A necessidade de dia a dia progredirmos, forçou-nos a augmentar mais um pouco o formato da nosa modesta folha.

Diante denós vamos o trabalho. Trabalhemos pois, demos um paço á frente na estrada da luz. O trabalho, que foi-nos dado pelo destino para vivermos, nunca deve-se deixar.

E' a elle que estamos condemnados.

Si todos como nós, que a pouco criámos mais umas penugens nas nossas pequenas azas e que ainda não pudémos chegar ao alvo que as nossas idéas aspiram, se vissem forçados a trabalhar, a lutar, porque quem lucha alcança a esp'rança, talvez que tivéssemos mais gente para estudar.

Não deixa de ser um grande elemento para o polimento de nossa intelligencia, este nosso pequeno organ, aonde expandimos os nossos pensamentos.

Somos forçados a trabalhar porque queremos offuscar o «brilho» da ignorancia que reinan a sociedade, porque queremos a luz.

Não podemos também d'um só golpe extinguir esta hydra que obscurece as classes, não; paulatinamente, á força de vontade será o guia exemplar que nos hade apontar o caminho do direito e da razão.

As classes sociaes precisam de illustração.

Realmente não deixa de ser um atrazo para a apparição brilhante das classes, a existencia de milhares de entes que ignoram as letras do nosso alphabeto.

Um jornal traz muita utilidade para os povos...

Eis o motivo porque as nossas aspirações, que querendo attingir ao gráo que glorifica a sociedade, — o progresso, forçou-nos a d'aqui em diante trabalhar, trabalhar muito para augmentarmos o *Crepusculo* e não deixal-o cahir ao pezo da indiferença.

«Trabalhemos. E' este o brado que hoje mais do que nunca deve echoar a os nossos ouvidos.»

Na proxima semana, daremos o «*Crepusculo*» augmentado, esperando que os nossos estimados assignantes continuem a coadjuvar-nos.

Declaração

No discurso publicado no numero 6 derão-se as seguintes incorrecções:

Onde diz — repassou vantajosamente, deve ler-se — reparou vantajosamente.

Onde está — educação nacional, deve ler-se — educação racional.

Onde se lê — deffinio Bullwor, deve ler-se — definio Bullwer.

Além d'estas erratas, ha outras, de orthographia e pontuação, letras de mais e de menos e palavras também de menos, tudo devido á falta da competente revisão, mas que a intelligencia do leitor certamente supprirá.

Partio para a Côte, no paquete «Rio Paraná» que aqui esteve no dia 3 do corrente, o conceituado e respeitavel official do corpo de Fazenda, o Sr. Francisco Luiz de Saldanha.

Que S. S. tivesse tido uma excellente viagem, é o que desejamos.

COMPANHIA NICTHEROYENSE

Esta optima companhia gymnastica realisou na noite de terça-feira, 29 do mez passado, uma outra funcção.

D. Thereza é, inegavelmente, uma artista de muito merecimento pelos seus trabalhos, que sempre foram sublimes e difficultosos na exhibição.

Nessa noite o espectáculo correu bem.

Quinta-feira, dia de «Corpus-Christi», houve mais uma funcção.

Alguns trabalhos novos apresentou o distincto director da companhia, o Sr. Guilherme Puls, que tem sabido procurar os meios mais possiveis de agradar o nosso publico.

O eximio artista, João Parahyba, todas as vezes que trabalha sabe satisfazer o publico.

Trabalha com muita perfeição, digamos com consciencia — é grande artista.

Esta funcção foi sublime.

Pelo Illm. Sr. Administrador do correio d'esta cidade foi, no dia 31 do mez findo, nomeado carteiro d'esta repartição o nosso conterraneo e amigo Juvencio Placido de Bittencourt.

Felicitando esse amigo e assignante da nossa humilde folha, desejamos-lhe uma vida primorosa para assim poder gozar d'aquelle emprego publico.

NA SOLIDÃO

E' o titulo de uma radiante poesia que hoje publicamos de D. Ibrantina A. d'Oliveira, cujo admiravel talento é brillantissimo.

A illustre poetisa é nossa collaboradora.

Agradecendo, saudamol-a pelas lindas poesias que tem feito

e pela amabilidade que tem em ser nossa collaboradora.

PARABENS

Completo, no dia 1 do corrente, 25 roseas primaveras, sublimemente radiantes, o sympathico e distincto Sr. Rodolpho Raul da Costa e Oliveira, moço de apreciaveis qualidades e empregado na importante e acreditada casa commercial do Sr. André Wendhausen.

Saudando portanto ao nosso honrado e criterioso conterraneo, milhares de venturas e felicidades é o que de coração lhe almejamos.

— A' noite d'este mesmo dia, os dignos amigos de classe do Sr. Rodolpho Oliveira offerecerão-lhe um magnifico «copo d'agua», no sobrado á Praça Barão da Laguna n. 2, sendo muito felicitado.

A' 1 hora terminou essa festa intima.

Fez 30 annos de idade, no dia 24 do mez findo, o nosso honrado amigo, o Sr. cadete Emilio Teixeira de Azevedo, bom pai de familia e militar de caracter.

Sinceramente o saudamos e a sua exma. familia enviamos os nossos parabens.

Bibliographia

Recebemos e agradecemos:

A «Razão», da adiantada cidade de São Jeronymo, na provincia do Rio Grande do Sul.

O interessante collega é bem escripto.

O Sr. Augusto Daisson é seu proprietario e redactor.

— «A Lampada», da grande cidade de Maceió, capital da provincia de Alagoas.

O collega é um hebdomario scientifico, litterario e philotechnico.

Esriptos com bastante sabedoria, com muita correccção

de estylo, os seus artigos são dignos de leitura.

«A Lampada» appareceu no mez passado, portanto é preciso que prosiga vantajosamente, que desempenhe com gloria a tarefa de luz a que se propóz.

Avante! Ao porvir!

—A «Alvorada», anno II, periodico scientifico, litterario e noticioso que se publica semanalmente em Maceió.

Como sempre, o collega tem apreciaveis e optimos artigos em defeza das classes opprimidas, pois que a esse fim é que se dedica.

—«O Santelmo, de Curityba, pequeno, mas bem collaborado organ de estudantes.

E' impresso em bom papel e com nitidez.

Tem optima leitura.

S. D. P. FILHOS DE THALMA

Esta briosa sociedade estreou na noite de quinta feira 31 do mez findo, levando á scena as espirituosissimas comediaa em um acto: «Quero ser maçon», «O Lobishomem» e «A cautela de 25», que foram desempenhadas com alguma perfeição, sim, porque os amadores não são actores; portanto não queiramos exigir trabalho com muita perfeição.

Saudando a digna Sociedade, desejamos vel-a progredir muito, adquirindo muitas sympathias de seus nobres socios.

E' seguir! Avante!

Companhia lyrica

Vinda da provincia do Paraná, onde conquistou applausos, chegará dentro em pouco a esta capital uma companhia lyrica italiana, sob a direcção do sr. L. Milone.

Dessa companhia fazem parte os arttistas srs. Ravagli, Miloni, Cidri, Molteni e as sras. Durand, Racletti, Baccarini e outros.

O apparecimento de artistas desse genero em nosso theatro é facto raro, e por isso damos-lhes os parabens e ao publico.

ROMANCE

IBRANTINA

POR

ERNESTO F. NUNES PIRES

SEGUNDA PARTE

VIII

Assim permaneceram por longo tempo. Ora via-se Rosalina abraçada com sua mãe, ora com seu pae, ora com Alfredo, que apesar do tremendo golpe que soffrera, não perdeu a calma.

Finalmente, passados os primeiros transportes o commendador fez cessar aquella scena de abraços, sorrisos e lagrimas.

—Então, Rosalina, conta-me o que se passou, estou ancioso por saber.

—Sim; repetiu Rosalia, contando a maneira por que descobriste todos os crimes d'aquelle infame e a perfidia d'aquelle desgraçada?!

—Havia muito tempo, disse Rosalina, que eu desconfiava do Sr. Rogerio; porém, não tinha provas, mas quando foi ante-hontem deliberei saber tudo e a casualidade forneceu-me todos os meios.

Quando elle sahio de casa, fui examinar sua secretaria, que por felicidade estava aberta.

Logo pelos primeiros papeis que encontrei, pude ver que não era uma simples desconfiança que eu tinha do Sr. Rogerio e de Ibrantina, mas sim, a cruel realidade...

—E esses papeis?... perguntou o commendador.

—Esses papeis eram cartas de Ibrantina e notas de crimes...

—E onde estão? tornou o commendador.

—Em poder da policia, meu pae.

Alfredo que até alli se conservara callado, ao ouvir fallar em cartas de Ibrantina, não pôde deixar de perguntar:

—E essas cartas o que dizião?

—Que Atilia não é tua filha e sim de Rogerio.

—Só?

—Não. Mas todas versavão sobre os amores d'esses dous miseraveis, e o horroroso plano de assassinarem-nos e depois fugirem para o estrangeiro.

—E tens alguma? tornou Alfredo no auge da anciedade.

—Não; pois remetti-as ao Juiz quando mandei a denuncia...

Aqui findaram as perguntas e respostas com a chegada de um novo personagem, com quem travaremos conhecimento.

Antonio de Castro é o seu nome. E' um rapaz alto, cheio de corpo e traja rigoroso luto.

Depois de verificar o numero da casa do commendador, pergunta á uma criada que está na porta:

—E' aqui a casa do Sr. commendador Jeronymo Menezes e Oliveira?

—E', sim senhor. Deseja fallar-lhe?

—Desejo.

—Então n'ese caso a quem devo annunciar?

—Aqui tem o meu cartão.

—Vou prevenir a meu amo, no entretanto queira ter a bondade de sentar-se.

—Obrigado.

Antes de transportarmos o novo personagem á presença do commendador, é preciso dizer aos leitores, que elle tinha presenciado a morte de Ibrantina e ia communicar ao commendador.

(Continúa)

Imp. na typ. do Journ. do Com.